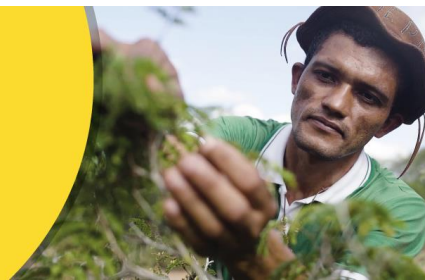




CADERNO DE CASOS  
**SEMIÁRIDO BRASILEIRO**





4

TERRITÓRIO:  
SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ

APICULTURA E OVINOCULTURA NAS COMUNIDADES ONÇAS I, II E III

REGIÃO SEMIÁRIDA DAKI-SV:  
**Semiárido Brasileiro**



CATEGORIA PRINCIPAL:  
**Produção Biodiversa**

CATEGORIAS COMPLEMENTARES:  
**Comercialização**

GRUPOS IDENTITÁRIOS:  
**Jovens e Comunidades Tradicionais**

1. DADOS GERAIS

1.1 RESUMO

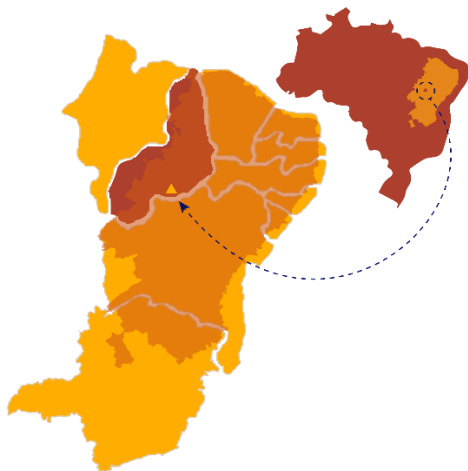
A experiência tem como protagonistas os moradores das comunidades Onças I, II e III, sócios da Associação de Moradores do Povoado Onça (AMPON) no Município de São Raimundo Nonato - PI. A mesma combina ações integradas entre subsistemas complementares de roçado, apicultura e produção pecuária com cria, engorda, formação e ampliação de pastagens, bancos de proteína animal, fonte de proteína animal para o autoconsumo e comercialização dos excedentes.

A experiência teve início no ano de 2016 através do Programa Viva Semiárido (PVSA), financiado pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e é coordenada pela associação local com assessoria técnica do EMATER - PI. Como principais resultados da experiência destaca-se a colaboração para a redução do êxodo rural, sucessão rural nas unidades com produção agrícola e pecuária, geração de renda e aumento da segurança alimentar e nutricional, incorporando saberes técnicos e preservando identidades locais.

1.2 PALAVRAS-CHAVE

Ovinocultura. Apicultura. Agricultura familiar. Associativismo. Comercialização.

### 1.3 LOCALIZAÇÃO



A experiência acontece na Comunidade Onça I, II, e III, no município de São Raimundo Nonato Piauí.

Mapa 1 – Localização da experiência.  
Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

### 1.4 ATORES PRINCIPAIS

A experiência tem como atores principais as famílias da comunidade Onça I, II e III, representadas pela Associação de Moradores do Povoado Onça (AMPON) e como parceiros diretos as instituições financiadoras da experiência: o Governo do Estado do Piauí, via a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), hoje Secretaria de Estado da Agricultura Familiar (ASF); o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Piauí – EMATER; e o Fundo Internacional de Agricultura Desenvolvimento Agrícola – FIDA.

São protagonistas da iniciativa os 86 sócios da AMPON – dos quais 30 são mulheres e 25 jovens – que, junto a assistência técnica do projeto, conduzem e realizam as atividades.

### 1.5 ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES

**Associação de Moradores do Povoado Onça (AMPON)**, São Raimundo Nonato: proponente e protagonista da experiência.

**Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Piauí (EMATER)**: assessoria técnica;

**Secretaria de Agricultura de Campo Alegre do Fidalgo**: apoio logístico, terraplanagem e escavações;

**Programa Viva Semiárido (PVSA)**, vinculado à **Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural do Estado do Piauí**: coordenação, mobilização dos recursos e aporte financeiro do projeto;

**Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA)**: apoio financeiro via acordo de Empréstimo 1-788 BR, sobre a coordenação do PVSA.

### 1.6 REFERÊNCIA TEMPORAL

Ano	Linha do Tempo
1989	Inauguração da 1ª Escola da comunidade, atendendo a demanda do Ensino Fundamental.
1994	Fundação da Associação dos Moradores do povoado Onça (AMPON).

1995	Inauguração do Posto de saúde na comunidade, oferecendo serviços básicos de saúde a população.
2005	As comunidades integram o projeto Dom Helder Câmara (PDHC-I) através de capacitações nas áreas de Apicultura, Ovinocaprinocultura, Bordados, Artesanatos, Culinária e doces, e produção de defumados.
2006	<ul style="list-style-type: none"><li>• Projeto de criação de peixes em tanques redes na lâmina d'água da barragem, em parceria com a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural (SDR) com assistência Técnica do EMATER;</li><li>• Projeto de Aquisição de Alimentos com Doação Simultânea de Alimentos (PAA), via a SDR;</li><li>• Acesso ao PRONAF: Linhas B e C.</li></ul>
2007	Construção das 2 Casas de beneficiamento do Mel: Onça I e Onça II, em parceria com o PDHC-I
2008	Acesso à Energia Elétrica através do Programa Luz para todos.
2010	Construção de 37 Cisternas de placa com capacidade para 16 mil/l em parceria com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA).
2013	Construção de 37 Cisterna de placa com capacidade para 52 mil litros em parceria com a ASA.
2014	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aquisição de KIT de Tração animal (Animal, Carroça, Arado, Arreios) através do PDHC;</li><li>• Acesso ao Projeto Mais Viver Semiárido.</li></ul>
2016	Início das atividades do Projeto de fortalecimento das atividades de Apicultura e Ovinocultura nas localidades Onças I, II e III, através do Programa Viva Semiárido (PVSA).
2018	Encerramento da assessoria técnica e junto ao PVSA/EMATER, e continuidade por parte da comunidade.
2019	Colheita e venda do mel.
2020	<ul style="list-style-type: none"><li>• Construção da Casa sede da Associação</li><li>• Início da comercialização da produção de ovinos e continuidade nas vendas do mel.</li></ul>
2021	Comercialização de Sementes de Umburana com a Empresa Beraca (Espanha)

## 1.7 OBJETIVOS

**Objetivo Geral:** ampliar a produção apícola e pecuária das comunidades Onças I, II e III, visando melhorar as fontes de alimento e de proteína animal, para atender à necessidade de consumo das famílias e comercializar os excedentes.

**Objetivos Específicos:**

- Ampliação das atividades agrícolas das famílias nas comunidades participantes;
- Qualificar a mão de obra dos protagonistas;
- Contribuir com o processo de geração de renda;
- Reduzir o êxodo rural.





## 1.8 DESAFIO

Por tratar-se de uma experiência que acontece no bioma Caatinga, no semiárido piauiense; sua rica biodiversidade enfrenta desafios frente aos processos de desmatamentos, mineração e atividade pecuária extensiva, como a que era praticada na comunidade em questão, o que apresenta riscos de exaustão dos recursos do ambiente natural, que demanda tempo para se regenerar. Ainda sobre o aspecto ambiental, é também um desafio manter as medidas adotadas para a preservação e ampliação das áreas de pastagem cultivadas e nativas, para obter maior potencial forrageiro e formar áreas de uso comuns nos períodos de escassez de alimentos.

Nos aspectos sociais e organizativos, a pesar da comunidade ter iniciativas importantes no campo da comercialização, o desafio é dar continuidade a esse processo de forma cooperada, afirmando a coletividade como parte do processo necessário para o desenvolvimento das atividades, com geração de renda e permanência das atividades agrícolas, de forma resiliente e sustentável.

## 1.9 DIMENSÃO RESILIENTE

No campo das mudanças climáticas, tem-se buscado aprimorar o manejo dos animais e das colmeias em área de pastagem nativa e áreas com manejo de base agroecológica, com a incorporação de períodos de ocupação e descanso das áreas, contribuindo para a manutenção da cobertura do solo, evitando erosões e, por consequência, a perda do solo, mantendo a disponibilidade de forragem em pasto apícola. Com as medidas adotadas e em desenvolvimento, espera-se reduzir a carga animal sobre as áreas de pasto nativos e pasto cultivados durante o período da estação seca e com isso minimizar os seus impactos.



Figura 1 – Vista aérea do Povoado Onça, São Raimundo Nonato – PI. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

## 2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A experiência é desenvolvida nas comunidades Onças I, II e III, comunidades Quilombolas do Município de São Raimundo Nonato – PI; e tem como característica o processo organizativo focado no associativismo. Estas são comunidades praticantes da agricultura familiar, instaladas às margens da Barragem Senador Petrônio Portela (Barragem da Onça), no território Serra da Capivara, onde há uma demanda por políticas públicas para o setor agrícola, mesmo com a constante luta dos integrantes das comunidades, junto com as instituições parceiras que prestam assessoria técnica.

Nos anos 1970 a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) inicia as ações para “amenizar os efeitos da seca” na região com a criação das frentes de serviços<sup>1</sup>, com remuneração da mão de obra local. No ano de 1981, uma área de propriedade particular de 300 ha foi desapropriada e indenizada para a construção da Barragem da Onça, passando a ser pública e pertencendo ao Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), autarquia responsável pelo mapeamento e levantamento topográfico da obra.

A Barragem consiste no barramento do Rio Piauí, com capacidade de cerca de 181 milhões de litros de água, tendo como municípios afluentes: São Raimundo Nonato, Coronel José Dias e São Lourenço. Em 1997, as obras da barragem foram concluídas e a mesma inaugurada na gestão do então Governador Francisco de Assis Moraes Sousa (Mão Santa), passando a chamar-se Barragem Petrônio Portela, ainda que siga sendo popularmente conhecida como Barragem da Onça. Tais atividades, como a construção da barragem e as frentes de serviço, ocorreram no contexto do chamado combate à seca no semiárido brasileiro, lógica que vigorava no governo brasileiro para orientar as ações na região semiárida do país.

Nas comunidades do território, a pecuária sempre fez parte do conjunto das atividades produtivas, já a apicultura, foi aprofundada após a chegada dos primeiros projetos na região. Assim, a agricultura familiar, a apicultura e a criação de pequenos animais são as principais fontes de renda e subsistência das comunidades do entorno, especificidade que configura em um uso coletivo da terra, e que vem sendo ameaçado.

A região possui um histórico de vários conflitos fundiários, algo comumente associado às atividades de mineração que pretendem explorar grandes extensões de terra com cercas e perfurações; e também pelos conflitos ocasionados com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara. Durante o processo de reconhecimento e instalação do parque em 1979 várias famílias foram retiradas de suas terras (proprietários e posseiros) e parte delas não foram indenizadas. Algumas dessas famílias hoje vivem na periferia de São Raimundo Nonato e outras à margem da BR 020. Com isso, a correta reparação dos danos causados a estas famílias continua sendo pauta das reuniões do Conselho do Parque até os dias atuais.

### 2.2 HISTÓRICO

A denominação da comunidade Onça deve-se, segundo os atuais moradores, à existência de diversos felinos na região no passado recente, e os(as) agricultores(as) da comunidade sempre participaram das atividades em defesa do Semiárido. No campo produtivo, foi um desafio para os protagonistas equacionar as atividades agrícolas com a chegada da barragem na década de 1990, o que inicialmente impactou o desenvolvimento da agricultura e pecuária, com a inundação de áreas e deslocamento das famílias.

<sup>1</sup> As frentes de serviço funcionaram como jornadas de trabalho temporário, ofertadas pelo governo na região Nordeste. Foi uma realidade da década de 1980, onde se desenvolveram operações de execução de obras, com baixo uso de tecnologia, através da mão de obra local.





A Barragem representou certa perturbação externa, mas também viabilizou as condições de organização e acesso ao conhecimento com a criação da Associação dos Moradores do povoado Onça (AMPON) em 1994. Em 1996, a comunidade passou a contar com o funcionamento da escola comunitária da qual parte dos participantes da experiência foram estudantes.

Com o início da represa das águas do Rio Piauí, deu-se início a formação da lâmina d'água, e as famílias começaram a se aproximar das margens da barragem, fixando moradias e roçados. A partir dos anos 2000, inicia-se o processo de divisão da comunidade Onça em três núcleos, onça I, II e III, em função das águas da barragem que dividiram a comunidade.

Nesse contexto, a realidade do grupo de agricultores, formado por homens, mulheres e jovens quilombolas organizados em associação era marcado pelo pouco acesso a bens culturais e falta de oportunidade de trabalho e geração de renda que assegurasse a permanência dos protagonistas no campo.

Com o início das atividades da Associação, dá-se início as parcerias com as instituições como a Cáritas Diocesana da Diocese de São Raimundo Nonato, o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC I), Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAG- PI), Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER – PI) e mais recentemente com o Programa Viva Semiárido (PVSA).

Em 2005, através do PDHC I, as comunidades tiveram acesso a projetos como o de tração animal, quando foram adquiridos burros e equipamentos como carroças, arreios, arados e capinadeiras. Também se deu início às capacitações de mulheres para produção e comercialização de bordados e sequilhos, e o apoio para a construção de duas Casas de Mel (Onça I e II), que se desdobram na experiência atual.

A experiência de Apicultura e Ovinocultura liderada pela AMPON se inicia com a chegada do PVSA em abril de 2016, a partir de uma carta consulta. Essa carta foi seguida de elaboração, aprovação e implementação do projeto para apoiar as duas atividades produtivas principais, mas com foco principal na apicultura. No período da elaboração do Projeto de Apicultura e Ovinocultura, a população residente nas comunidades Onças I, II e III era de aproximadamente 155 pessoas, membros de 86 famílias.

Assim, as razões que motivaram a experiência têm relação direta com o histórico de criação de caprinos e ovinos pelas famílias, e mais recentemente, da apicultura. Além disso, as condições ambientais locais favoreceram as atividades, visto que as comunidades dispõem de água, através da barragem; pasto apícola de boa qualidade, forragem nativa e cultivada, mão de obra e o anterior acesso a serviços de assessoria técnica.

Inicialmente foram beneficiadas 44 famílias, com a intenção de que após a aplicação dos rendimentos fosse possível ampliar o número de famílias beneficiárias, assim como o número de associados(as), priorizando a inserção de mulheres e jovens da comunidade. No momento atual (2022), 86 participantes da Associação estão envolvidos no projeto, com um total de 64 famílias. Entre os protagonistas, 02 pessoas são proprietárias de 38,5 ha somados e 84 são posseiros, ocupantes de uma área de aproximadamente 1.378 ha.

As ações de implantação e assessoria do projeto encerraram-se em 2018, e atualmente a experiência é gerenciada pela associação, com uma divisão em três eixos diferentes: 1º) ovinocultura; 2º) apicultura; e 3º) mescla entre as duas atividades. Como meta, o grupo visa manter o envolvimento de todos nas ações da experiência e gerar o aumento da renda líquida anual de R\$ 1.815,67 - resultante da venda do mel por participante, com preço de R\$ 5,45 kg em 2019, para R\$ 5.860,45 por participante, em 2022.

Em geral, a experiência das comunidades Onças I, II e III tem contado com assistência técnica com intervalos e de origens distintas. Antes do projeto, as famílias foram assistidas pela Cáritas (parceria com o PDHC I) e durante a instalação do projeto a assistência técnica foi prestada pelo EMATER, sendo dividida entre ONGs e da rede pública. Vale destacar que em todos os arranjos de assistência técnica implementados na comunidade, sempre



houve uma preocupação em atender às demandas e necessidades das mulheres, jovens, negro(a)s e quilombolas, e o destaque de que as principais lideranças da comunidade são mulheres.

No campo ambiental e econômico, destaca-se a representatividade da associação local, onde as famílias desenvolvem suas atividades produtivas em uma área compartilhada entre as três comunidades de aproximadamente 1.360 há, e onde se encontram em pleno desenvolvimento a apicultura e a ovinocaprinocultura, atividades econômicas que se somam às demais atividades da agricultura familiar.



Figura 2 – Vista aérea da Barragem da Onça. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

### 2.3 DESCRIÇÃO TÉCNICA DE PRÁTICAS/PROCESSOS

A experiência de Apicultura e Ovinocultura das comunidades Onças I, II e III é uma combinação de ações integradas, construídas em três subsistemas dependentes que se complementam entre si.

- a. **Agricultura familiar:** produção de alimentos de base agroecológicas para as famílias e comercialização do excedente;
- b. **Apicultura:** produção apícola, gerando fonte de alimentos, polinização e comercialização da produção de mel;
- c. **Pecuária:** produção de fonte de proteína animal para alimentação e comercialização do produto.

A experiência vem contribuindo para aumentar a oferta de alimentos seguros com a implantação de tecnologias relativamente simples, necessárias para o desenvolvimento de consórcios produtivos, através da agricultura, apicultura e ovinocultura.



É muito importante salientar que o processo de criação de animais é uma atividade comum aos camponeses que a fazem como uma espécie de poupança: na necessidade, abatem os animais para o consumo ou vendem para atender outras necessidades monetárias da família. Na comunidade, a criação de caprinos, ovinos e a apicultura, funciona, exatamente como uma reserva de valor, necessária para os momentos de maior necessidade.

Segundo a ex-presidenta da Associação local Rosilene, as tarefas são desenvolvidas da seguinte maneira: “os homens (adultos e jovens) vão aos apiários buscam e transportam as melgueiras, as mulheres (adultas e jovens) fazem o processo de desoperculação dos quadros de mel e colaboram na centrifugação, decantação e armazenamento do mel. Contribuem também na gestão dos bens de uso comum da associação e participam do processo de comercialização, fazendo gestão dos recursos resultantes da comercialização. Na nossa comunidade a criação de caprino é destinada para o consumo interno e para a comercialização como forma de obtenção de renda. Nessa atividade, as mulheres cuidam dos animais, alimentam”.

Os subsistemas aplicados funcionam por meio de ações integradas e sustentáveis, que seguem a seguinte lógica:

- 1. Lavouras:** Faz uso da água das chuvas e da Barragem da Onça, produção de flores para as abelhas e forragem para os animais (restos de cultura);
- 2. Abelhas:** Polinização de plantas, coleta de néctar, pólen, produz o mel (alimentos e comércio do excedente);
- 3. Animais:** Faz uso da água da barragem, fornece insumo (esterco) para as áreas de lavouras, dispersa sementes e é fonte proteína animal para alimentação humana.

Por se tratar de uma experiência realizada no semiárido brasileiro, a área apresenta planícies e Vales formados por atividades fluviais e outras. Por esse motivo, apresenta potencial para a criação de animais como caprinos e ovinos, sendo a irregularidade da área, um fator que tem favorecido a apicultura.

As instalações destas atividades formam um conjunto de tecnologias básicas que buscam apoiar a agricultura de base agroecológica e resiliente ao clima, com vista reduzir os impactos ambientais, com promoção e inclusão social. Dessa forma, possui infraestrutura hídrica (Barragem Petrônio Portela, vulgo Barragem da Onça) e agrária (cerca de 1370 há) que favorece o desenvolvimento das atividades produtivas, duas casas de mel, área de 8,2 ha de palma forrageira, 17,1 ha de capim de corte, 11,6 ha de capim Buffel e 900 ha de pastos nativo.

Abaixo, descrevemos as principais características e práticas aplicadas em cada eixo:

### Apicultura

A comunidade conta com a criação de abelhas do gênero *Apis* e abelhas sem ferrão (*melíponas*). As espécies de maior relevância para o pasto apícola estão descritas no quadro abaixo.

ÁRVORE	FLORADA	ÁRVORE	FLORADA	ÁRVORE	FLORADA
Marmeleiro	Janeiro – Fevereiro	Umbuzeiro	Setembro – Outubro	Unha de gato	Janeiro – Fevereiro
Bamburral	Março – Abril	Ipê	Agosto – Setembro	Rompe Gibão	Novembro
Angico branco	Janeiro – Maio	Quebra Facão	Janeiro – Fevereiro	Pereira Branca	Novembro
Aroeira	Junho – Julho	Jurema	Abril – Maio	Pau de casca	Novembro
Juazeiro	Setembro – Outubro	Jacurutú	Setembro	Favela	Janeiro



Angico Preto

Setembro - Outubro

Mulatinha

Janeiro - Fevereiro

Malva

Fevereiro - Março

**Quadro 1:** *Relação das Plantas e época de florada.*

A partir do projeto da associação local em parceria com o EMATER/PVSA os investimentos financeiros foram direcionados em: aquisição de 918 colmeias; indumentárias (botas, luvas); fumigadores; cilindros alveolares; chama enxame; pistola para aplicar medicamentos; alicate de burdizzo; pulverizador, e assistência técnica aos(às) criadores(as).

Para o uso das infraestruturas existentes da Casa do Mel, o agendamento é feito pelos grupos junto a diretoria da Associação, de forma a contemplar toda a demanda de uso do espaço e equipamentos. A atividade apícola está organizada de forma coletiva, funcionando em grupos formados por vínculos familiares e afinidades. A gestão dessa atividade é feita pela diretoria da associação com a colaboração dos participantes da atividade.



Figura 3 – Apicultura na comunidade Onça. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

**Ovinocaprinocultura**

Nas comunidades Onças I, II e III, a criação de caprinos sempre faz parte das atividades produtivas das famílias. A partir da experiência, a criação foi ampliada e é manejada de forma familiar. No âmbito do projeto do PVSA os investimentos iniciais para a atividade foram: implantação de pastagem de capim de corte e palma forrageira (ambas com 5,5 há); 180 matrizes ovinas mestiças; 6 reprodutores ovinos mestiços.

Atualmente nas comunidades existem, como formação e ampliação das pastagens, 8,2 ha de palma forrageira, 18,6 ha de capim de corte, 11,6 ha de capim Buffel e cerca de 900 ha de Caatinga usada como pasto nativo. Outro aspecto relevante nas ações do projeto é o melhoramento genético implantado nos rebanhos dos(as) 40 criadores(as) de ovinos (1.171 média) e (1.300 média) na comunidade, conforme quadros abaixo:

Reprodutores	Matrizes	Fêmeas de 1 a 2 anos	Machos de 1 a 2 anos	Fêmeas de 0 a 1 ano	Machos de 0 a 1 ano
36	623	221	109	108	74
<b>Total</b>					<b>1.171</b>

**Quadro 2:** Composição do rebanho ovino das Comunidades Onças.

Fonte: Projeto de Apicultura e Ovinocultura Associação de Moradores do Povoado Onça, 2016.

Reprodutores	Matrizes	Fêmeas de 1 a 2 anos	Machos de 1 a 2 anos	Fêmeas de 0 a 1 ano	Machos de 0 a 1 ano
31	740	216	108	79	109
<b>Total</b>					<b>1.283</b>

**Quadro 3:** Composição do rebanho caprino das Comunidades Onças.

Fonte: Projeto de Apicultura e Ovinocultura Associação de Moradores do Povoado Onça, 2016.

Na experiência em estudo, a pastagem dos ovinos em áreas de Caatinga tem sido uma preocupação dos criadores(as), já que a presença dos animais pode retardar o crescimento das árvores e arbustivos devido ao consumo dos brotos. Tal questão demanda um manejo adequado para evitar maiores impactos.

No mais, a experiência ajuda a consolidar conhecimentos técnicos sobre impactos sociais, ambientais e produtivos, entretanto, chama atenção para a necessidade de efetivo e contínuo processo de assessoria técnica para assegurar o manejo apropriado às atividades da experiência, dando ênfase para os processos coletivizados, característicos da cooperação agrícola de base associativa, fundamentado nos termos sociais, culturais, econômicos, ambientais, de adaptação e inovação tecnológicas.

### Comercialização

A comercialização no geral é feita de forma individualizada. No caso específico dos produtos da apicultura, a comercialização é realizada via o mercado “atravessador”, sendo que uma parte da produção na safra 2022, foi feito via a cooperativa Mel do Sertão. Ressalte-se que as famílias apiculadoras ainda não são cooperadas, por isso mesmo este tipo de comercialização é entendido pelos participantes como “mercado atravessador”. Na coleta de dados para a sistematização, o grupo informou sobre a venda de cerca de 90 tambores de mel pela Associação em 2022, o que equivale a 280 kg por unidade, e cada kg de mel foi vendido a R\$ 20,00. Como é feita de forma individual, tal valor não é dividido por igual a todos os membros.

Quanto ao processo de comercialização dos ovinos, as famílias estão iniciando essa fase, que também ocorre de forma individualizada e atende à demanda em nível local/comunitário e no mercado territorial.

As famílias já comercializaram no PAA, em 2006 – 2008 via Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural (SDR) e em 2013, via o Programa de Aquisição de Alimentos com doação simultânea. Atualmente, essas duas formas citadas foram interrompidas temporariamente. Durante a coleta de dados em roda de conversa, foi possível entender que há um pensamento e algumas iniciativas visando criar formas coletivas de comercialização, dentre





elas, a vinculação à Cooperativa Mel do Sertão. O resultado da comercialização, tem permitido a geração de renda, acesso ao conhecimento sobre mercados, redução do êxodo rural, mudanças no padrão de consumo.

Outra atividade que começou a ganhar importância para as famílias das comunidades locais é o extrativismo da semente de Umburana de Cheiro (*Amburana cearensis*), que tem sido comercializada através de uma parceria com a Empresa espanhola Beraca, quem compra, beneficia e comercializa cosméticos à base de Umburana. Vale salientar que essa é uma atividade em fase inicial e que tem a projeção de ser ampliada para outras comunidades e municípios, como Brejo do Piauí que já possui famílias mobilizadas para fazer a coleta de sementes de umburana e venda em 2022.



Figura 4 – A agricultora Marta de Souza no manejo animal. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

## 2.4 ESTÁGIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Abordando a experiência a partir do Projeto Fortalecendo a Apicultura e Ovinocultura na Associação dos Moradores do Povoado Onça, através do PVSA; a experiência contou com destinação de profissional para elaboração do projeto e plano de aplicação de recursos para aquisição de materiais e animais, e capacitações para os participantes sobre os processos de implantação e gestão do projeto. Esses passos foram necessários para dar fluxos às atividades da experiência. Durante esse processo, foi desenvolvido e aprovado o planejamento a seguir:

- a. Mobilização de profissional para a capacitação em manejo de apicultura e ovinos. Essas atividades foram desenvolvidas em paralelo a implantação do projeto, de modo que as práticas foram realizadas com os materiais e equipamentos adquiridos pelo grupo;

- b. Aquisição de materiais e animais. A implantação de capineiras e palma forrageira e demais obras foram feitas simultaneamente com aproveitamento da mão de obra local;
- c. Aquisição de suplemento mineral, vacina e vermífugo e outros medicamentos para os animais;
- d. Gestão do Projeto. É realizada pela Associação que acompanhou todas as etapas do processo de execução da experiência, e para tal conta com apoio da assessoria técnica resultante da parceria firmada entre a Associação, EMATER e PVSA.

Para a implantação do sistema apicultura e ovinocultura, foi necessário a realização das seguintes infraestruturas, serviços e aquisições:

- **Eixo 1 - Ovinocultura:** Reprodutores mestiços da raça Dorper; Matriz mestiça; Implantação de Capim de Corte; Capim pisoteio e palma forrageira
- **Eixo 2 - Apicultura:** Colmeia (ninho e melgerão); Cera bruta; Macacão completo; Bota de borracha; Luvas de vaqueta; Fumigado; Atrativo (chama enxame); Bases de fixação das colmeias.
- **Eixo 3 - Misto de ovino + Apicultura:** Matriz ovina mestiça; Implantação de área de capim de corte; Implantação de área de palma forrageira; Colmeias padrão; Cera bruta; Macacão completo; Bota de borracha; Luvas de vaqueta; Fumigado; Atrativo (chama enxame); Bases de fixação das colmeias;
- **Eixo 4 -** Assistência técnica e elaboração do projeto.

Atualmente, a experiência funciona em grupos de produção, formados por familiares e por afinidade. Esses grupos estão vinculados a associação local que representa as três comunidades (Onças I, II e III), e tal forma de organização tem permitido maior participação na gestão dos bens de usos comuns.

## 2.5 RECURSOS NECESSÁRIOS

Os materiais e valores demandados para aplicação da experiência nas lavouras, vegetação, animais e abelhas, incluindo o trabalho, ferramentas, assistência técnica, capacitações, descritos abaixo, foram necessários para a implantação total da experiência. Os custos e o tempo necessários para a plena implantação do projeto foi distribuído em 4 eixos, a seguir;

Os investimentos iniciais foram na ordem de R\$ 367. 072,22, sendo R\$ 330.347,22 do PVSA e R\$ 36.725,00 de contrapartida da Associação proponente, via oferta de mão de obra na construção de cercas, implantação de capineiras, e bancos de proteína.

As decisões sobre o uso dos recursos naturais e financeiros, é uma atribuição da Associação e o processo é feito em assembleia geral, após escutas aos Diretores da Associação. Vale destacar que uma boa parte do quadro social é composto por mulheres (30) e jovens (25), sendo os mesmos representados na diretoria executiva e no conselho fiscal da associação.

## 2.6 RESULTADOS E IMPACTOS

De forma geral os resultados da experiência podem ser percebidos através do efetivo alcance dos objetivos, que têm assegurado o envolvimento dos protagonistas em todo o processo de implantação e desenvolvimento do projeto, destacado em relação a:

**a. Organização dos Apicultores e Criadores:** como impactos positivos, a experiência conta com os protagonismos de 86 criadores(as) e apicultores(as), dentre os quais 30 são mulheres e 25 jovens. Esses(as) agricultores(as) são





associados e mantêm o vínculo orgânico ao Território Quilombola pelo qual passa o processo de afirmação de identidade.

**b. Geração de Renda:** o projeto tem proporcionado a geração de renda para as famílias através da comercialização do excedente, sendo importante destacar que o objetivo primeiro do projeto é o de produzir alimentos seguros. Do ponto de vista da economia camponesa, percebe-se um aumento da chamada poupança viva (animais, abelhas) como fator positivo e determinante para a melhoria da qualidade de vida das famílias. A produção apícola, pelo volume de produção comercializado em 2022, indica ser uma atividade promissora, considerando as características das comunidades e o mercado consumidor em expansão para a produção. Segundo os dados da sistematização, houve um aumento na venda e no valor comercializados de 2019 para 2022, de R\$ 5,45 para R\$ 20,00 o kg do mel, impactando diretamente na renda anual das famílias. Entre as mudanças percebidas nesse eixo, podemos destacar a busca por formas cooperadas de comercialização, debate que está em curso, conduzido em assembleias, para buscar estratégias de contrato e gestão favoráveis e idôneas, bem como, agregar valores ao produto.

c. Migração rural: o grupo tem vivenciado os valores como o associativismo rural e tem desenvolvido atividades que colaboram para o processo de mitigação do êxodo rural, propiciado que jovens e mulheres do campo tenham oportunidade de acesso a renda, sem se desvincularem de suas comunidades e de suas origens. A experiência é também, uma oportunidade para dar visibilidade ao protagonismo desses grupos sociais, que se destacam na experiência. Antes, era comum as mulheres desenvolverem outras atividades e as mais jovens migrarem para os centros urbanos. Com o projeto, elas passaram a desempenhar funções de gestoras de bens comuns na comunidade, assumindo cargos de destaque na associação como a presidência no período de implantação do projeto.

**d. Qualidade de vida:** o processo organizativo, o acesso ao conhecimento, a produção de alimentos seguros e produtos de exportação (mel), fonte de proteína animal, comercialização e geração de renda têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida dos participantes e de suas famílias;

**e. Conhecimentos:** o grupo tem ampliado o acesso ao conhecimento agrícola. Os processos de assessoria técnica acessados pelas famílias, ainda que de forma não continuada, têm permitido aos agricultores(as) avançar e aos poucos qualificar suas atividades e processos produtivos, com melhorias nos manejos de pastagem, manejo sanitário animal e pasto apícola, ao tempo que amplia o acesso a programas públicos de redistribuição de recursos e políticas para o campo.

Por último, mas não menos importante, a experiência conta com o envolvimento direto dos protagonistas homens, mulheres e jovens de identidade cultural quilombola, que têm desempenhado papel protagonista no enfrentamento dos desafios da iniciativa, na defesa da comunidade, da agricultura camponesa e dos valores da cultura quilombola.

## 2.7 MECANISMO DE VALIDAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência vem sendo validada pelos protagonistas que indicam, através dos depoimentos coletados, os processos de consolidação em campo. A produção desenvolvida pelas famílias vem sendo comercializada, o que conta a favor da validação da experiência. Além disso, ela tem servido como campo de visitas de intercâmbios entre agricultores(as) e técnicos(as), e vem ganhando reconhecimento no território, sendo referência de organização e atividades produtivas para organizações governamentais e para as instituições envolvidas enquanto referência de boas práticas e processos de aprendizagem relevantes para agricultura camponesa, que promovem o protagonismo de mulheres e homens de comunidades quilombolas.





Observa-se, ainda, o aumento no número de integrantes, indicando o sucesso das atividades, uma vez que foi na fase de implantação do projeto que aconteceu o processo de amadurecimento do grupo. Mais recentemente, o grupo encontra-se em articulação para passar a integrar a uma cooperativa da região.

### 3. ANÁLISES DA EXPERIÊNCIA

#### 3.1 INOVAÇÃO E/OU PROCESSOS DE APRENDIZAGEM INOVADORES

Essa é uma experiência conduzida por homens, mulheres e jovens filhos(as) de moradores da comunidade quilombola, e é uma ampliação das atividades da agricultura familiar já desenvolvidas pelas famílias que fazem parte do Território do Quilombo Lagoa, que possui lideranças e dirigentes pertencentes ao movimento quilombola.

As mulheres são protagonistas na coordenação e na gestão e têm demandado assistência técnica, específica para o acesso ao mercado, nos processos de comunicação da experiência e na cooperação para a construção de parcerias no território.

Tecnicamente, o componente inovador da experiência é representado pela criação de abelhas com o sistema de alimentação artificial a base de produtos naturais (polpa de jatobá, melão de cana), e no campo da criação de ovinos, o destaque são os bancos de proteína vegetal a base de Capim Buffel, Lucena, Palma forrageira e capim de corte.



Figura 5 – O técnico Lucas Almeida (PVSA) na sede da associação, com o mel produzido pela AMAPON.

Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

### 3.2 FATORES DE ÊXITO

- Como fatores de sucesso, foram identificados o conhecimento técnico entre homens e mulheres e jovens (sócios), ambos com forte pertencimento à agricultura familiar de identidade quilombola e camponesa de povos do campo.
- Na experiência, observou-se que a parceria com as organizações da Sociedade Civil (Cáritas Diocesana da Diocese de São Raimundo Nonato, Projeto Dom Helder Câmara (PDHC - I) e com o Estado por meio do Programa Viva Semiárido (PVSA), EMATER - PI foi e continua sendo fundamental para viabilizar a aquisição das infraestruturas necessárias e a garantia de assessoria técnica qualificada.
- O processo de participação orgânica ao Quilombo Lagoa como núcleo comunitário, representa um marco na história dos protagonistas, sendo o incentivo à cooperação agrícola e ao processo de conscientização fundante da experiência.
- Parte dos êxitos da experiência é atribuída ao acesso à assistência técnica comunitária que, mesmo não sendo permanente, foi apontada pelos protagonistas como um importante processo de acesso ao conhecimento prático, e fator motivador da atividade agropecuária.
- Os protagonistas indicam acertos quanto a assistência técnica, a realização de outros projetos como apoio à experiência - como a melhorias e ampliação da apicultura e os quintais produtivos com o aproveitamento do esterco gerado pelos animais -, indicando outras possibilidades de uso dos recursos animais, atividade tão necessária para a agricultura nos semiáridos.
- Soma a essa atividade a organização comunitária, via grupos de trabalho familiares e por afinidade, em destaque nas falas dos protagonistas e constatados pelo sistematizador.

### 3.3 LIMITAÇÕES

Apesar de já ter acesso ao mercado, a experiência ainda apresenta limitações quanto ao processo de comercialização organizado, incluindo processos específicos como comunicação e divulgação em feiras da agricultura familiar no território.

Outro limite que aparece é o não controle da monta das matrizes, o que baixa a taxa de prenhez das fêmeas e causa perdas no processo de melhoramento da raça, tendo como consequências a baixa taxa de crescimento das crias após o desmame; resultando em idade elevada para o abate. Para evitar isso, tem-se desenvolvido e estabelecido áreas e/ou bancos de proteína vegetal (capins, palma forrageira e leguminosas) como uma estratégia eficaz para a manutenção dos rebanhos nas comunidades. Também se apresentam como limitantes:

- Assessoria técnica descontinuada;
- Ampliar a oferta de animais para o abate e a produção de mel e derivados para o consumo e o mercado territorial, contribuindo para que haja equilíbrio entre número de animais, geração de renda disponibilidade de produtos apícolas, e assim, ampliar a oferta de produtos para o auto consumo e o excedente ser colocado “à disposição” do mercado.
- Qualificar o processo organizativo para acessar os mercados institucionais (PAA/PNAE).

### 3.4 LIÇÕES APRENDIDAS

O acesso ao conhecimento técnico, tempo e perseverança, têm feito a diferença na presente experiência, apresentando as seguintes lições:



- Origem camponesa e de luta dos protagonistas, de origem camponesa e com identidade quilombola;
- Vínculo orgânico ao quilombo Lagoa, por pertencerem a área de abrangência do quilombo;
- Capacidade de gestão comunitária de bens comuns, resultante dos processos de capacitação vivenciados pelo grupo, resultante das diversas parcerias firmadas (CARITAS, PDHC, PVSA, EMATER etc.);
- Articulação de parcerias com ONGs e Instituições Governamentais, para capacitações, formações e acesso a políticas redistributivas de recursos (FIDA);
- Disponibilidade e motivação para exercer a atividade agrícola, indicando processo de sucessão rural.

### 3.5 SUSTENTABILIDADE DA EXPERIÊNCIA

Para o desenvolvimento da experiência, o acesso ao conhecimento técnico foi fator fundamental juntamente com a assessoria técnica já mencionada anteriormente. Para a implantação das infraestruturas necessárias, parte dos materiais (madeira, areia, água, cascalho, sementes de capim, sementes de culturas agrícolas, leguminosas, capins, e mudas de palma, dentre outros) foram de fácil acesso. Já os equipamentos adquiridos (EPIs apícolas, fulminadores, mesa desoperculadoras, centrífugas, garfos, burdizzo, forrageira, balança, arame, para cercamento das áreas), foram custeados com recursos do projeto, assim como as caixas com meleiras para as abelhas e as matrizes e reprodutores ovinos.

O tempo necessário para as capacitações e aprendizagens necessárias para a experiência foi de uma média de 3 anos, contando com o tempo necessário para amadurecimento do grupo e para a implantação das fases do projeto. A experiência dependeu de investimentos externos iniciais e tem um custo considerável previsto no projeto físico financeiro, necessário e adequado às necessidades das famílias participantes da experiência.



Figura 6 – Sede da Associação AMAPON. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.



### 3.6 REPLICAR E/OU ESCALAR

Os aspectos que facilitam a replicação da experiência em outras realidades são a organização dos protagonistas, disponibilidade de recursos naturais (área de terra de uso comum, água e suporte forrageiro), recursos humanos (mão-de-obra) e acesso a políticas de acesso a recursos públicos financeiros. Na possibilidade de replicação da experiência, indica-se especial atenção para o processo de capacitação, organização, gestão e de pertencimento à agricultura familiar, levando em conta o amadurecimento do grupo, interesse dos mesmos por atividades que indicam o processo de sucessão rural, e qualificação técnica. Fazem parte desse processo a capacidade de gestão, divisão de tarefas entre os membros, processo de participação e cooperação agrícola, e efetiva participação das mulheres e jovens.

Já existem outras experiências semelhantes no Território Serra da Capivara no Município de São João do Piauí, como é o caso da Estação de Terminação de Caprinos e Ovinos (conheça mais sobre esse caso na **Coleção de Experiências DAKI-Semiárido Vivo**, [clcando aqui](#)). Também existe no Município de Fartura do Piauí outra experiência com caprinos, que conta com recursos do FIDA.

Entende-se que os resultados da experiência têm se somado a outras atividades agrícolas e pecuária desenvolvidas nas comunidades Onças I, II e III, contribuindo para atender necessidades das pessoas e das famílias, uma vez que atende à demanda da sucessão rural, geração de renda e ampliação de acesso ao conhecimento.

### 3.7 CONTRIBUIÇÃO PARA AMPLIAR A RESILIÊNCIA ÀS MUDANÇAS DO CLIMA

As ações propostas colaboram com políticas de convivência com o semiárido pelo uso racional do solo, uso da pastagem nativa e ampliação da capacidade produtiva dos campos agrícolas já formados, promovendo debates e ampliando a consciência dos participantes sobre as práticas de melhoramento do uso sustentável na agricultura no semiárido. Nesse sentido, a experiência pode ser referência para outras comunidades que dispõem de recursos naturais e humanos semelhantes.

Sua contribuição na redução dos impactos das mudanças climáticas e sustentabilidade dos povos e processos produtivos também se faz através do aumento da polinização das abelhas e pela produção de forragem para os animais, integrando-os ao conjunto de atividades produtivas de interesse social com o menor impacto possível, conservando o bioma e gerando fonte de alimento (proteína animal para os humanos), insumos (estercos) para a agricultura familiar e produtos (carne, leite, pele, mel, cera, própolis etc.) para o mercado local e territorial.

No plano cultural, o grupo mantém vínculo de pertencimento com a identidade e cultura quilombola, que pratica e defende a agricultura familiar de base agroecológica como uma matriz social de produção de alimentos seguros, diante de um cenário de mudanças climáticas severas, com consequências expressivas para estes grupos identitários. Dessa forma, a experiência busca consolidar as seguintes ações:

- Adoção e uso de práticas/tecnologias que possam contribuir para preservação ambiental, com vistas a responder a perturbações internas e externas das mudanças climáticas;
- Ampliação dos processos de segurança alimentar e nutricional;
- Mitigação dos efeitos migratórios, com garantia dos meios e modos de vida, e apoio ao processo de sucessão rural nas comunidades;
- Preservação de recursos genéticos das raças nativas;
- Redução da perda do solo com sistema de drenagem e curvas de nível;



- Aumento da biomassa com a implantação da capineiras e bancos de proteína;
- Incidência de demandas por políticas públicas para o setor pecuário de base camponesa;
- Gestão de bens de uso comum, com ampliação dos conhecimentos técnicos e políticos.

### 3.8 CONCLUSÕES

A experiência participativa e produtiva permitiu acertos e novos desafios aos protagonistas, sobre as tecnologias destinadas ao manejo dos ovinos e das abelhas e sua adaptação às suas condições locais. O processo participativo com o envolvimento, o comprometimento e a autonomia dos atores foi e continua sendo a garantia de continuidade da experiência, que tem superando os momentos de conflitos de interesse entre a esfera individual e familiar, para o contexto coletivo e comunitário, caracterizando um aprendizado contínuo e dinâmico.

O aporte financeiro do PVSA para a implantação experiência e a assessoria técnica pública do EMATER – PI, permitiu a implantação de tecnologias novas e adaptadas que exigem dedicação dos protagonistas, com garantias de retornos econômicos, sociais e ambientais a curto, médio e longo prazo com o projeto, que demandou ser planejado e executado pelo conjunto dos participantes. Assim como a necessidade de discussão e análise profunda dos tipos de atividades técnicas e tecnologias novas seriam introduzidas no desenvolvimento do projeto, por mais promissores que aparentam ser tais elementos.

Os esforços pessoais e coletivos na experiência se configuram em acertos da adoção e aplicação de tecnologias de agricultura resiliente ao clima que geram aprendizados contínuos e dinâmicos quando ocorrem de forma organizada e participativa, tendo como base o envolvimento, o comprometimento e a autonomia dos atores e parceiros protagonistas.

### 4. DEPOIMENTOS

**“A apicultura aqui na comunidade onça é uma atividade que tem gerado fonte de renda e contribuído com o meio ambiente, sendo útil para o processo de polinização das culturas. Eu tenho me envolvido com a apicultura através do meu pai. Tem cerca de 7 anos que mexo com apicultura e não me arrependo. Para essa atividade, contamos com assessoria técnica do EMATER. Outra atividade produtiva que a minha família desenvolve é criação de caprinos e ovinos. Esses animais é uma outra fonte de renda de minha família e tem gerado pouco trabalho, pois é criado solto no mato durante o dia e no final do dia prendemos eles no chiqueiro”.**

Jovem P. S. em 13 de fevereiro de 2022.

**“A apicultura desenvolvida na comunidade é uma fonte de geração de renda e tem gerado o trabalho cooperado que envolve mulheres, homens e os jovens. Todos trabalham e praticam a divisão de tarefas e o processo de colheita acontece em mutirão com divisão do trabalho (...) Para as atividades produtivas das famílias dessas comunidades, a assessoria técnica sempre esteve vinculada à existência de projetos. Quando termina um projeto, termina a assistência técnica. Para nós ter assessoria é de grande relevância e tem estimulado o processo de associação de novos sócios e sócias, com destaque para os jovens que têm procurado se associar, por verem o resultado do trabalho da associação nas comunidades”.**

R.M da C. S. em 13 de fevereiro de 2022.





Figura 7 – O Jovem apicultor Mardoquel de Sousa. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

## 5. FONTES

AMORIM Luana Lopes: Projeto Viva o Semiárido fortalece a apicultura em comunidade Quilombola da Associação dos Moradores do Povoado Onça – AMPON, no Território Serra da Capivara, município de São Raimundo Nonato – PI, (2020).

PIAUÍ. Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí. PLANO DE NEGÓCIO. De fortalecimento da apicultura e ovinocultura na Associação dos Moradores do Povoado Onça. São Raimundo Nonato PI, 2016.



O **Projeto DAKI – Semiárido Vivo** é uma iniciativa de Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul entre regiões semi-áridas da América Latina, com foco na ampliação da resiliência dos povos e comunidades dos semiáridos aos efeitos das mudanças do clima. Centrado nas regiões do Grande Chaco Americano (Argentina), Corredor Seco da América Central (El Salvador) e Semiárido Brasileiro, o projeto atua identificando conhecimentos acumulados em experiências de agricultura resiliente ao clima, para criar pontes e intercâmbios entre boas práticas e seus protagonistas, e desenvolver capacidades técnicas através de processos de formação. A ação é financiada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), coordenada por duas redes da sociedade civil – Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a Plataforma Semiáridos da América Latina –, e executada por um consórcio de organizações sociais: AP1MC (Semiárido Brasileiro), FUNDAPAZ (Argentina) e FUNDE (El Salvador).

**PUBLICAÇÃO**

**Metodologia, Elaboração e Texto**

Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato

**Edição e Revisão**

Esther Martins

**Projeto Gráfico**

André Ramos [AR Design]

**EQUIPE PROJETO DAKI-SEMIÁRIDO VIVO**

**Coordenação Geral e Coordenação Semiárido Brasileiro**

Antonio Barbosa

**Coordenação Grande Chaco Americano**

Gabriel Seghezze

**Coordenação Corredor Seco da América Central**

Ismael Merlos

**Gerência de Sistematização de Experiências**

Esther Martins

**Gerência de Formação**

Rodica Weitzman

**Gerência de Monitoramento e Avaliação**

Eddie Ramirez

**Gerência de Comunicação**

Verônica Pragana

**Acompanhamento técnico, metodológico e de produção de conteúdo**

Júlia Rosas e Maitê Maronhas

**Apoio Administrativo**

Maitê Queiroz

**Equipe de Monitoramento e Avaliação**

Aníbal Hernandez e Daniela Silva

**Equipe de Comunicação**

Daniela Savid, Florencia Zampar e Nathalie Trabanino

A sistematização de experiências é um dos componentes do projeto DAKI-Semiárido Vivo, que tem como objetivos identificar, organizar, dar visibilidade e compartilhar aprendizagens sobre experiências e boas práticas sustentáveis e mais resilientes às mudanças climáticas, nas três regiões de atuação do projeto. Respeitando a riqueza de contextos, atores, natureza e modos de vida que compõem os semiáridos, os processos de sistematização se deram de modo articulado e heterogêneo, partindo da diversidade dos territórios para a interseção proposta pelo DAKI-Semiárido Vivo. Nesse sentido, cada região desenvolveu metodologias e processos de sistematização próprios, que seguiram critérios e categorias comuns, adaptados aos contextos locais. Estes processos seguiram as seguintes etapas: levantamento e identificação de experiências; sistematização em profundidade; produção de materiais e intercâmbios de conhecimento. Este material é resultado do processo de sistematização em profundidade, que gerou a Coleção de Experiências DAKI-Semiárido Vivo e com seus respectivos Cadernos de Casos.

No Caderno de Casos do Semiárido Brasileiro, o processo seguiu uma lógica de enraizamento territorial, na qual foram definidos 5 territórios prioritários para desenvolvimento dos processos de sistematização: Serra da Capivara no Piauí, Sertão do São Francisco na Bahia, Alto Sertão Sergipano, Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte e Norte de Minas Gerais. Estes processos foram liderados por organizações de referência em cada um dos territórios, fortalecendo os arranjos territoriais e conhecimentos locais. Foram identificadas, selecionadas e sistematizadas 25 experiências (5 em cada território). As metodologias de sistematização seguiram diferentes caminhos e processos participativos, realizados pelas organizações responsáveis: Rio da Vida, visitas de campo, grupo focal, análise FOFA, dentre outras práticas que permitiram a participação e análise dos protagonistas sobre os processos vividos.

Metodologia, elaboração e texto



**DAKI**  
Semiárido Vivo



Proyecto ejecutado por



Financiado por



Investindo nas populações rurais